

Roça orgânica na Escola Municipal Indígena “Tengatui Marangatu”: desafio para aprendizagem pedagógica

Organic planting at the indigenous municipal school “Tengatui Marangatu”:
challenge for pedagogical learning

Cajetano Vera¹
Maristela Aqui Insfra²
Clotildes Martins Morais³

RESUMO

O presente artigo irá descrever os resultados das ações obtidos no desenvolvimento do Projeto Roça Orgânica na Escola Municipal Indígena Tengatui Marangatu: Desafios para Aprendizagem Pedagógica. Localizada na Aldeia Jaguapiru Dourados/MS. A Reserva Francisco Horta Barbosa é um cenário étnico/social complexo, habitada por pessoas das etnias Guarani Nhandeva, Kaiowá, Terena e mestiços. Possui uma população de 15 mil indígenas confinados em uma área de 3.600 hectares. Tendo em vista que na comunidade há falta de alimentos, o projeto teve por objetivo realizar uma demonstrativa, na modalidade cultura consorciado/poli cultivo de produção Agroecológica, onde a produção será usada na merenda escolar, também produzir banco de sementes, resgatar práticas de cultivos tradicionais e contribuir no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. A Roça foi organizada dentro de um espaço de 12 mil m² de terra. Durante o mês de outubro e novembro de 2017, após o preparo do solo, os alunos iniciaram o plantio com sementes de variedades crioulas, com 10 mil pés de variedades de ramas de mandiocas, dentre esses espaços foram plantadas variedades de milhos: indígenas e pipoca, feijões, arroz e batatas. Durante o ciclo do plantio foram realizados momentos de limpeza com alunos e parceiros. Na semana dos Povos Indígenas, realizada no mês de abril de 2018, ocorreu a festa da colheita dos cultivares, foram colhidos milhos, mandioca, arroz, batatas e feijões. AS mandiocas e outros produtos colhidos contribuíram na merenda escolar, parte foram doadas para a comunidade e o restante embalados e guardados no depósito da escola.

¹ Escola Municipal Indígena “Tengatui Marangatu”

² Escola Municipal indígena “Lacui Roque Isnard”

³ Universidade Federal da Grande Dourados

Palavras-chave: Saberes indígenas; Plantio consorciado; Etnossustentabilidade; Agroecologia.

ABSTRACT

This article will describe the “*Roça Orgânica*” Project in the Indigenous Municipal “*Tengatui Marangatu*” School: Challenges for Pedagogical Learning. Located in Jaguapiru Dourados Village/ MS. The Francisco Horta Barbosa Reserve is a complex ethnic/ social scenario, inhabited by people of the Guarani Nhandeva, Kaiowá, Terena and mixed race ethnic groups. Jaguapiru has about 15 thousand indigenous people confined in an area of 3600 hectares. Considering that there is a lack of food in the community, the project aimed to carry out a demonstration, in the intercropping/ polyculture mode of Agro ecological production, where the production will be used in school meals, also to produce seed bank, to recover crop practices and contribute to the teaching-learning process of students. The “*Roça*” was organized in 1,2 hectares of land. During October and November 2017, after the soil preparation, the students began planting seeds of native varieties, with 10 thousand feet of varieties of cassava branches, among these areas were planted varieties of corn (indigenous and popcorn), beans, rice and potatoes. During the planting process, cleaning moments were held with students and partners. During the Indigenous week Peoples, held in April 2018, the harvest party of the cultivars took place, corn, cassava, rice, potatoes and beans were harvested. The cassava and other harvested crops contributed to the school lunch, part was donated to the community and the rest packed and stored in the school deposit.

Keywords: Indigenous knowledge; Intercropping; Ethno-sustainability; Agroecology.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar as principais ideias e atividades desenvolvidas no Projeto *Roça Orgânica* na Escola Municipal Indígena “*Tengatui Marangatu*”: Desafio para Aprendizagem Pedagógica, no modelo plantio consorciado (poli cultivo), que foi desenvolvido na referida escola Dourados/MS.

O projeto surgiu a partir dos resultados de planos pedagógicos dos professores e alunos, com a participação da comunidade escolar e gestores. Teve início no Segundo Semestre de 2017, desenvolvido no decorrer desse mesmo ano, envolvendo as parcerias da comunidade escolar e de várias instituições do governo privado: Embrapa de Agropecuária do Oeste (CPAO), Universidade de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade Glória de Dourados (SEMAF) Secretaria Municipal de Agricultura Familiar (SEMAF), Coordenadoria de Assuntos Indígenas (SEAID), Casa de sementes Crioulas Irmã Lucinda, Juti/MS, Casa de sementes *Te'y kwe* Carapo/MS, (Aspta) Associação Produtores Agrônomicas de São João do Triunfo, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Licenciatura de Educação do Campo (LEDUC), Fundação Nacional do Índio e Escolas indígenas (FUNAI).

O projeto foi desenvolvido em uma área de 12.000 mil m² demonstrando ser possível produzir alimentos em um pequeno espaço de terra. Sabe-se que, por milhares de anos, os povos indígenas mantiveram alto nível de diversidade de plantas em seus quintais, e, caso das Etnias Guarani chamavam de *Kokue*. Mas com a chegada da monocultura no Brasil, essas etnias

Roça orgânica na Escola Municipal Indígena “Tengatui Marangatu”: desafio para aprendizagem...

passaram também a adotar o sistema de nomo cultivo, resultando assim, na erosão genética, empobrecimento de saberes tradicionais e perda da biodiversidade.

Segundo Brand e Marinho (2011), Azanha (2005) e Gallois (2005), os indígenas têm visões diferentes sobre o desenvolvimento sustentável, principalmente sobre a produção de agricultura, portanto, a visão da população indígena está voltada para a natureza. Para Brand e Marinho (2011), a natureza possui vida na cosmovisão do povo guarani. Ainda, segundo Gallois (2005), existem ações governamentais que procuram atender as necessidades básicas dos povos indígenas, porém, não há diálogo para que os tais programas sejam efetivos.

O conhecimento do meio ambiente onde os indígenas vivem pode desenvolver um vínculo positivo com a natureza, fazendo do local uma mudança adaptativa (MARIOTTI, 2013). Neste sentido, a natureza está a favor de todos os seres vivos, inclusive dos seres humanos (SANTOS, 2008).

Sabe-se que o homem é um ser explorador da natureza desde tempos antigos, para retirar dela tudo que precisa, tais como moradia e alimento (CONWAY, 1997). Em caso do ser homem, alguns são coletores e outros exploram a terra plantando vegetais, a fim de retirar dela alimentos e valor monetário (DIEGUES et al., 1999). Para Diegues et al., (1999), em caso de homem coletor, silvícola, a visão deste é coletar, não domesticar os vegetais. Em caso, de sociedade indígena de um modo geral, possui visão do coletor ou a cosmovisão é voltado para religiosidade (JOÃO, 2011).

Para Vera (2011 e Pereira (2016), a cosmovisão do indígena Guarani, atualmente, em adaptação para o mundo do século XXI. Muitas famílias, deixaram de ser plantadores de quintais, adotaram, o modelo de monocultura, a partir, então, passaram cultivar soja, milho, e, também, arrendam suas terras para os terceiros.

A sociedade indígena é dinâmica, e, observa as culturas de vegetais que estão ao seu redor, assim, observa plantios de cana-de-açúcar, inclusive de roça. Segundo Amorozo (2013), o homem está em constante busca pela sua adaptabilidade, principalmente, quando se trata de alimento. Para Canesqui (2002, introdução de alimentos, culturalmente importante na alimentação, é uma forma de empoderamento da sociedade, assim, os alimentos têm significados e pode ir para merenda escolar, tornando cardápio obrigatório para os alunos.

O organismo bem alimentado tem mais condições para se desenvolver intelectualmente. A comunidade indígena ACHUAR Colombiano, possui amplos conhecimentos sobre o meio ambiente onde vivem, pois, em estações de falta de alimento utilizavam roças alternativas para

o plantio e colheita, mesmo quando migrava um lugar para outro, estes levavam as sementes e germoplasmas para um novo plantio para suas subsistências.

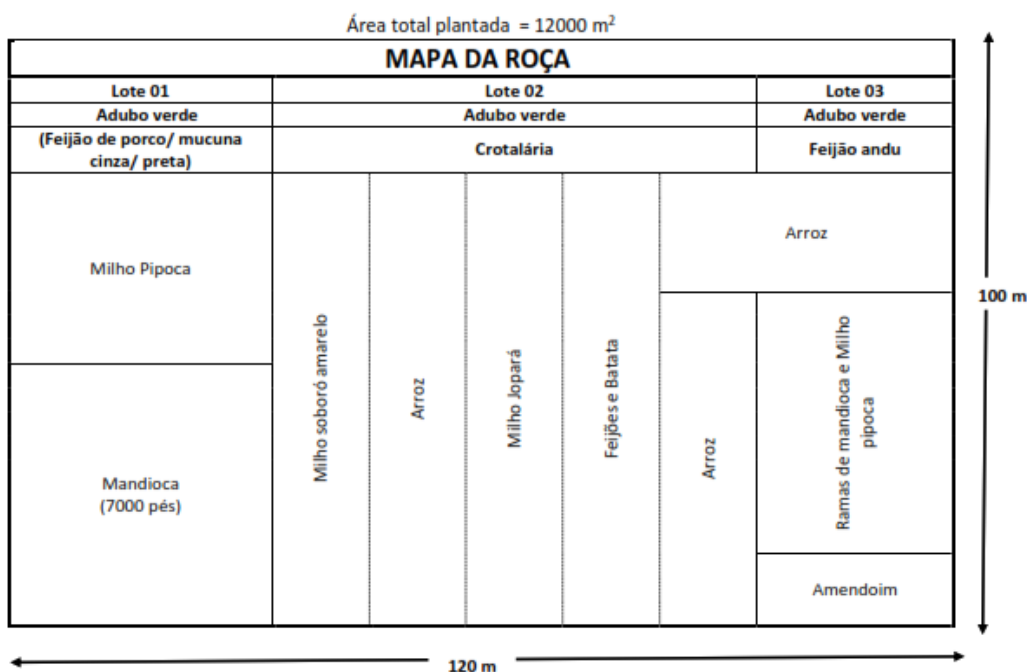
Por outro lado, se tratando de Indígena Guarani, para João (2011), Brand (2011), Vera (2012), Benites (2014) e Pereira (2016), a produção agrícola significa reciprocidade e trabalho em coletividade com competência e técnica para preparar o solo, plantar e colher. Conhecer a época de plantio, quem deve plantar, como plantar, quem deve colher. A organização das roças de Agricultores Tradicionais, em Santo Antônio do Leverger, em Mato Grosso, desenvolvia roça de quintais, possuía cerca de 48 variedades de mandioca (AMOROZO, 2013). Esses Agricultores tradicionais são indígenas da Etnia Cinta Larga e Fulnio-ô. Os indígenas têm sabedoria e conhecimento sobre a produção de alimentos.

Neste contexto, visto que a escola não resolve todos os problemas dos alunos, mas, em contrapartida, pode mostrar que eles conseguem desenvolver seu intelecto, e contribuir para melhorar a comunidade. Assim, com as ações executadas no projeto desenvolvido na Escola Municipal Indígena “Tengatui Marangatu”, objetivou socializar os benefícios importantes trazidos para os alunos, escola, professores, colaboradores e comunidade.

2 METODOLOGIA

O trabalho foi realizado na área cedida por uma agricultora guarani na comunidade *Jaguapiru*, mediante assinatura de um termo de compromisso. A área tinha uma extensão de 12.000 m² sendo subdividida em três lotes como forma de facilitar as atividades dos alunos no âmbito do projeto roça agroecológica. Dentro de cada lote foram feitas semeaduras manuais de feijões, milho, amendoim e arroz. Todos os lotes receberam adubação verde, através do plantio prévio de mucuna cinza, crotalária e feijão-de-porco (Figura 1).

Figura 1 - Esquema de distribuição das culturas na área da roça orgânica



Depois da implantação do experimento foi feito o controle de infestantes manualmente, com o auxílio dos alunos e parceiros da UFGD (FAIND) e UEMS numa periodicidade de 45 dias. Os infestantes que correram foram as seguintes pragas: na mandioca foi a mosca-branca (*Bemisia tabaci*), a broca na haste da mandioca (*Cosmpolites sordidus*) e mosca do broto (*Neosilba perezii*), no milho lagarta-do-cartucho (*Spodoptera frugiperda* J.E.Smith), também as formigas-cortadeiras (*Atta spp*). Os controles destas pragas foram realizados em parceria com os alunos pelo Biólogo: Cajetano Vera da Escola Municipal Tengatui Marangatu, por intermédio de monitoramento diário, coletando, cortando e destruindo as partes das plantas infectados e controle das formigas foram realizados com os adubos verdes.

As formigas cortavam as folhas de feijões guandú (*Cajanus cajan*), crotalárias (*Crotalaria juncea*. L.; *Crotalaria spectabilis*. L) e folhas de feijões mucunas (*Canavalia ensiformis*; *Stizorlobium aterrinnun*). As lagartas de cartuchos (*Spodoptera frugiperda* J.E.Smith), infestações destes insetos foram mínimos nos milhos, isso ocorreu devido à presença de ave (*Crotophaga ani*), pois, este ave se alimenta destes insetos tanto as larvas como insetos adultos.

No desenvolvimento desse projeto, Roça Agroecológico envolvendo a educação em um todo e a cosmovisão guarani *Kaiowá*, isto é, as fases da lua. Obtiveram-se os seguintes resultados. Conforme o mapa acima citado (Figura 1), na área do lote um (1), foram plantados 7.000 mil berços mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) da família Euphorbiaceae, milho-pipoca: (*Zea mays everta*), no lote dois (2): foram cultivadas milho (*Poaceae* – *Zea mays*) de variedades milho crioulas, Arroz: (*Oryza sativa*). E, variedades de feijões:(*Fazeolus vulgaris*), feijões de variedades crioulas. Também, variedades de batatas:(*Ipomoea batatas*).

No lote três foram plantadas variedades de amendoim, mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) da família Euphorbiaceae, 3.500 berços de ramas de mandioca, arroz – variedade cerqueira Santa Helena, Ao redor da roça foram plantadas variedades de adubos verde: feijão andu, crotalária e feijão-de-porco.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As aldeias estão localizadas no Município de Dourados/MS, cuja população é de 200 mil habitantes de acordo com IBGE (2010), são administradas por lideranças indígenas e políticos tradicionais que possuem várias organizações sociais. Além de existir quatro comunidades indígenas, sendo: *Jaguapiru*, *Bororó*, *Panambizinho* e *Passo Pirajuí*. Embora as aldeias possuam cerca de sete mil jovens em situação de vulnerabilidade social, a taxa de natalidade é relativamente alta, com cerca de 580 nascimentos por ano.

Nestas comunidades, existem 07 unidades escolares, com 3500 alunos matriculados, distribuídos no Ensino Fundamental e Médio, estas unidades escolares atendem três etnias: *Kaiowá*, *Nhandéva* e *Terena*. A aldeia *Jaguapiru* trouxe um desafio particular, devido, ao processo de confinamento. Sendo comum encontrar a juventude desanimada, sem perspectivas reais de vivências, sem autonomia em seu território. O Confinamento é uma perda contínua de território e valores tradicionais de identidades. Assim, perde o cuidado com o cultivo da terra. Encontram-se vários estudantes que não conhecem como cultivar a terra e nem os segredos dos cultivos das sementes tradicionais porque houve uma ruptura histórica e social brusca com as perdas da Terra e Território.

Nas comunidades indígenas de Dourados existem nascentes e córregos importantes, utilizados para lazer e consumos diários. Os rios, lagos, nascentes, olhos d'água, estão em fases de desaparecimentos, devidos às queimadas, construções de casas às margens de rios e nascentes, pois, os indígenas possuem poucos espaços físicos, acabam construindo suas moradias nos locais de nascentes, criando animais ruminantes. Nos Locais de mananciais, estão ocorrendo desmatamentos e assoreamento etc.

Na comunidade têm dois tipos de roças predominante, monoculturas de sojas e milho, que não atendem a segurança alimentar da população indígena local, porém, também, existe à produção de mandioca em pequena escala, variedades de milho e abobrinha etc. A produção é restrita em algumas famílias devido à falta de recursos materiais e financiamentos para o cultivo; dentre os moradores, algumas famílias dependem totalmente das cestas básicas procedentes da Funai, Governo do Estado e ONGs.

A divisão de lotes por família na comunidade indígena é desigual, pois, apenas algumas famílias possuem terras maiores e outras, possuem apenas um pequeno pedaço de terra, somente para moradia, não há espaço para produção de alimentos para sua sustentabilidade; as populações indígenas vivem em confinamentos, devido aumento populacional de habitantes indígenas, as aldeias de Dourados são muito populosas, portanto, falta moradia, água tratada e alimentos.

3.1 A Escola Indígena Tengatui Marangatu

A Escola Municipal Indígena Tengatui Marangatu, localizada na Aldeia Jaguapiru no município de Dourados, foi fundada em 13 de fevereiro de 1992, por Antônio Braz Melo, prefeito da cidade de Dourados/MS. Possui uma área física de 1979,91 m² de extensão. No dia 14 de março de 2007, por meio de Decreto Municipal, número 4167, foi autorizado para atender a Educação escolar Indígena; Atualmente a escola, atende 893 alunos matriculados, no Ensino Fundamental dos anos iniciais e finais.

A Pedagogia na Escola Tengatui, funciona da seguinte maneira: existem disciplinas impostas pelo Ministério da Educação (MEC), também há disciplina que atende Educação Indígena, tais como Línguas Indígenas, História Indígenas, visando o ensino da língua indígena materna e conhecimentos relacionados a cultura e históricos das etnias presentes na unidade escolar. Cerca de 60% de alunos matriculados são beneficiários de benefícios sociais de Governo Federal.

Historicamente o sistema vigente institucionaliza um modelo de escola centrado na reprodução das relações de dominação. Então, tudo o que é novo e questiona os padrões da escola tradicional, há sempre uma grande resistência nesse enfrentamento. Nesse sentido, um dos maiores desafios é ter uma escola aberta para comunidade, sendo à comunidade, sua protagonista. A escola tem poder para transformar e inovar a sociedade, porém, nem sempre enxerga este poder.

Atualmente, com o reconhecimento da valorização da cultura indígena na constituição de 1988, um dos modelos de ensino que as escolas indígenas devem usar, são as que sejam desenvolvidas a partir de seus contextos históricos, sociais, culturais e políticos, onde as práticas pedagógicas sejam a partir de processos tradicionais de transmissão e aprendizagem de conhecimento e a interculturalidade e com isso ocorre a afirmação da identidade étnica. Durante a semana dos povos indígenas, no mês de abril de 2017, foram realizados momentos de colheitas: amendoins, variedades de milhos e feijões e sementes de adubos verdes.

Os amendoins foram consumidos entre os alunos e a comunidade, o arroz, o feijão e milhos colhidos, foram limpos e guardados para semente e safra de 2018. Partes dos milhos e feijões consumidos na merenda escolar, e partes doadas a comunidade. As mandiocas foram arrancadas sequencialmente, e doadas para merenda escolar, e outra à comunidade. As sementes que foram colhidos de adubos verdes, as variedades de ramas, batatas que partes

foram doadas para evento, ENA – Encontro Nacional de Agroecologia BH/MG, 14º Encontro de Sementes crioulas–Juti/MS, 16º Encontro de Agroecologia, São João do Triunfo–PR.

O entorno da comunidade é cercado pelo modelo do agronegócio. Este é um enorme desafio do ponto de vista concreto, ambiental, social e econômico. Enfim, é uma vasta extensão de monocultura que faz os olhos se acostumar, ao olharem aquele imenso mar verde, como ideário de produção agrícola. E a ideia do agronegócio tenta hegemonizar todos os pensamentos, tantos que os fazem sentir envergonhada de suas pequenas produções em seus quintais, como se fossem derrotados, algumas famílias não ver outra saída que não sejam o arrendamento de seus pequenos espaços de terras.

Acontece, simultaneamente, uma violência simbólica que leva os níveis de ser considerada, a região com uma das taxas mais elevadas de violência, desde o alcoolismo, o suicídio, a drogadição, o homicídio, violência contra as mulheres e crianças como resultados dessa perda da terra e do território. E com isso os que tentam produzir em suas pequenas quintas também são envenenados pelos agrotóxicos. É uma grande luta para manter-se produzindo dentro de um sistema profundamente desequilibrado, sem matas, sem água, e sem animais para caças.

De fato, o desafio é grande, e a falta de tomada de consequência crítica da importância dessa realidade e queira ser protagonista de sua própria transformação. Falta de informação, formação, estudos, diálogos, debates, acesso aos novos conhecimentos, amplidão de visão de mundo, comprometimento com as mudanças estruturais que causam essas situações de desigualdade social profundas, portanto, a Escola Municipal Indígena “Tengatui Marangatu” está trilhando no caminho certo.

O projeto roça escolar, trouxe para Escola Municipal Indígena Tengatui Marangatu e para comunidade local uma visão de trabalho de unidade, reforçando os laços de coletividade e reciprocidade Guarani Kaiowá. Possibilitou-nos a trabalhar importantes temas, que transformaram em conteúdo em sala de aula e campo Teoria e pratica -Práxis com: luta e o direito a terra, Soberania Popular, sementes crioulas, cultivo de plantas e agricultura tradicional Guarani Kaiowá, abundância e escassez dos alimentos, os impactos e as transformações ambientais na comunidade, benefícios ou problemas causados pela introdução de novas tecnologias, a conscientização da importância do consumo dos alimentos tradicionais-saudáveis, o resgate dos alimentos nativos da comunidade, e de hábitos alimentares saudáveis.

Roça orgânica na Escola Municipal Indígena “Tengatui Marangatu”: desafio para aprendizagem...

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afirma-se que as aldeias indígenas de um modo geral estão no processo de confinamento. O confinamento entre os indígenas ocorreu devido às perdas dos territórios tradicionais aos colonos a partir de 1920, e, caracteriza-se por inviabilização de caças, coletas, pescas, agriculturas de coivaras e outros, na qual, atualmente, as aldeias indígenas encontram-se excessivamente populosas, ocorrendo assoreamento físico e cultural; O processo de confinamento está sendo nocivo para população indígena, trazendo consigo o destaque, por exemplo, da desvalorização da língua e da cultura inerente ao indígena, ocorrendo assalariamento dos trabalhadores indígenas, nas usinas dos Sucrialcooleiros, fazendas, em órgãos de governos, escolas, etc.

O projeto Roça Agroecológica na Escola “*Tengatui Marangatu*”, por planejamentos minuciosos, e após as experiências vivenciadas com os alunos no decorrer do ano, está sendo bem-sucedida, professores conseguiram incentivar os alunos a plantar, limpar e colher.

Desta forma, as metas previstas estão sendo alcançadas pela unidade escolar, sendo desenvolvida uma pedagogia através agroecologia indígena, de prática escolar na roça, atividade na qual possibilitou a interação e aprendizagem, motivando os alunos as práticas diferenciadas, partilhando as sementes crioulas, revitalizando e fortalecendo os saberes tradicionais e a reciprocidade Guarani Kaiowá e contribuindo com os processos de ensino e aprendizagem dos educandos.

REFERÊNCIAS

AMOROZO, M. C. M. Sistema agrícola de pequena escala e a manutenção da agrobiodiversidade: uma revisão e contribuições. *In*: ALBUQUERQUE, U. P. et al. (org.) **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2002, p. 123–131.

AZANHA, G. Sustentabilidade em Comunidade Indígena Brasileiras. **Tellus**, UCDB – Campo Grande, v. 5, n. 8/9, p. 11–28, abr./out. 2005.

BENITES, E. **Oguata Pyahu (uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da reserva indígena Te'yikue**. 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UCDB. Campo Grande 2014.

BRAND, A. J.; MARINHO, M. Povos Indígenas na Região do Pantanal e do Cerrado: Desenvolvimento participativo, universidades e pesquisa – Ação. *In*: TREMBLAY, G.; VIEIRA, P. F. (org). **O papel da Universidade no Desenvolvimento Local: Experiências brasileiras e Canadenses**. APED, Florianópolis, v. 1, p. 123 –144, 2011.

VERA, C.; INSFRA, M. A.; MORAIS, C. M. Roça orgânica na Escola Municipal Indígena “Tengatui Marangatu”: desafio para aprendizagem pedagógica. **RealizAção**, UFGD – Dourados, v. 9, n. 18, p. 36–45, 2022.

VERA, C.; INSFRA, M. A.; MORAIS, C. M.

CANESQUI, A. M. Comentários sobre os Estudos Antropológicos da alimentação. *In*: CANESQUI, A. M.; GARCIA DIEZ, R.W. (org). **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 255-289.

CONWAY, G. **Produção de alimentos no Século XXI: biotecnologia e meio ambiente**. 1. Ed. São Paulo: Estação da Liberdade, 2003. 376 p.

DESCOLA, P. **La selva culta: sombilismo y praxis em la ecología de los Achuar**. 3. ed. Quito: ABYA – YALA, 1996.

DIEGUES, A. C. (org.) **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. NUPAUB – USP, PROBIO – MMA CNPq, 1999. 211 p.

GALLOIS, T. D. Cultura “indígena” e sustentabilidade: alguns desafios. **Tellus**, UCDB – Campo Grande, v. 5, n. 8/9, p. 29-36, abr./out., 2005.

JOÃO, I. **Jakaira Reko Nheypyru Marangatu Mborahéi: origem e fundamentos do canto ritual JerosyPuku entre os Kaiowá de Panambi, Panambizinhop e Sucuri’y, Mato Grosso do Sul**. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2011.

MARIOTTI, H., **Complexidade e sustentabilidade: o que se pode e o que não se pode fazer**. São Paulo: ATLAS S.A., 2013.

PEREIRA, L. M.; **Os Kaiwá em Mato Grosso do Sul: módulos organização e humanização do espaço habitado**. Dourados: UFGD, 2016. 128 p.

SANTOS, M. **Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

VERA, C. **Larvas de Aramanday Guasu, *Rhynchophorus palmarum* Linnaeus, 1958 (Coleoptera: curculionidae) como alimento tradicional entre os Guarani Nandéva, na Aldeia Pirajuí, Município de Paranhos, Mato Grosso do Sul: uma visão de segurança alimentar e sustentabilidade social**. 2011. 184 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local, UCDB, Campo Grande, 2011.

VERA, C.; INSFRA, M. A.; MORAIS, C. M. Roça orgânica na Escola Municipal Indígena “Tengatui Marangatu”: desafio para aprendizagem pedagógica. **RealizAção**, UFGD – Dourados, v. 9, n. 18, p. 36-45, 2022.